

# EDUCOMUNICAÇÃO – UM NOVO CAMPO

*Ir. Socorro Tabosa*

A intenção deste texto é partilhar uma reflexão fundamentada no pensamento de vários educadores preocupados com a **educação** e com a **comunicação**, nesta era em que os meios de comunicação estão mais presentes do que nunca na vida das pessoas, criando verdades, formulando subjetividades, revelando valores, produzindo discursos e fantasias. As relações entre essas duas ciências vêm sendo chamadas de Educomunicação. Um campo novo do conhecimento, e bastante singular.

Na sociedade contemporânea, globalizada e pós-industrial, parte do que somos, sentimos ou pensamos decorre da partilha de conteúdos aos quais não temos acesso a partir de nossas relações com os outros e com o mundo ou das práticas sociais cotidianas, mas do universo mediado pelos meios de comunicação. “Estamos diante de uma revolução invasiva das mais perturbadoras...(LOME nº 13). Nesse contexto, nossas relações com o mundo estão cada vez mais mediadas por recursos tecnológicos, discursivos e lingüísticos do rádio, da televisão e do computador. “O nosso relacionamento com os outros, a nossa própria experiência do real e de nós mesmos são em grande parte influenciados pelos instrumentos de comunicação”.( LOME nº 54)

Diante dessa constatação é possível compreender que a formação das pessoas não é mais uma tarefa exclusiva da família e da escola, tampouco de pais e professores. Os meios de comunicação em especial, o rádio e a televisão, influenciam muito na maneira que pensamos, sentimos e nos comportamos. Podemos afirmar até que esses dois meios de comunicação funcionam como uma espécie de escola paralela, porque ensinam o tempo todo, para toda população, as coisas que “precisamos” querer comprar, o que “devemos” considerar bonito ou feio, o sotaque que “devemos” adotar, a quem “devemos” admirar ou rejeitar, influenciando assim as opiniões que “convém” termos sobre este ou aquele assunto.

*Segundo Paulo Freire"(...) Não é possível refazer este País, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério?, Com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo sonhos, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não da sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos (...)"*

Não contradizendo o que afirmação de Paulo Freire, mas buscando caminhos a luz do Sistema Preventivo, as Linhas Orientadoras da Missão Educativa das FMA, nº 43 salientam: “a preocupação preventiva é

transversal a todos os processos e às estratégias educativas... Ela enfoca a formação do `bom cristão e honesto cidadão` repensa e reinterpreta tal finalidade de acordo com a complexidade atual”.

Sabemos que a educação é um processo de elaboração mental e subjetivo pelo qual certos conteúdos, crenças e convicções são modificadas e cedem espaço para novas formas de se pensar o mundo. Sabemos também que essa transformação ocorre a partir da bagagem trazidas pelos educandos. Como então programar um processo educativo sem identificar o que forma e informa nossos alunos, a fonte de seus gostos e entretenimento?

Paulo Freire realça que a educação procura desvelar o mundo e é calcada numa relação dialógica entre educador e educando. “O educador já não é mais o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. [...] Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1978, p. 78-79).

Educar é comunicar. Essa convicção encontra amplo espaço no Sistema Preventivo. “A comunicação educativa se faz mediante relações e processos propositivos, razoáveis e afetuosos que ficam a espera da resposta do inter-locutor. Na práxis salesiana, a comunicação é criação das relações recíprocas e intergeracionais, abertas e profundas, situadas num sistema mais amplo...”( LOME. nº 53)

Concluimos então, que a Comunicação tem uma relação muito forte e direta com a Educação. As relações entre essas duas ciências vêm sendo chamadas de Educomunicação, um campo novo do conhecimento, bastante singular. Por conseguinte, Comunicação e Educação não podem mais ser vistas apenas como assuntos distintos. Uma está ligada à outra, estabelecendo uma relação dialógica entre esses campos, o que resulta em um novo campo: o da Educomunicação.

Quando falamos em Educomunicação, estamos nos referindo a um campo de pesquisa, de reflexão e de intervenção social, cujos objetivos, conteúdos e metodologia são essencialmente diferentes tanto da Educação Escolar quanto da Comunicação Social.

Investigar os fundamentos desse campo, discutir as inter-relações dos vários tipos de saberes que se fundem na Educação e na Comunicação constituem os principais objetivos teóricos desse novo campo.

Ismar de Oliveira defende a existência desse novo campo de intervenção social, pois a Educomunicação se apresenta com autonomia: tem filosofia própria, história e reconhecimento da sociedade, não comungando dos mesmos princípios do campo da comunicação. A Educomunicação representa um conjunto de ações voltadas a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, sejam

presenciais sejam virtuais: “. . . a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa”. Ela problematiza os campos da comunicação e da educação, de forma a criar ecossistemas comunicativos abertos e eticamente comprometidos. Dessa maneira, é possível formar a competência comunicativa do cidadão.

Não se trata apenas da reflexão sobre o uso das tecnologias da comunicação e da informação – é um campo de mediações, de interdiscursividade. “Há necessidade de teorização e de reflexão crítica sobre os projetos para que se constitua esse campo, tornando-o um novo espaço de luta material e discursiva”

A Educomunicação vai além de ações pontuais; ela trabalha com políticas públicas, para não beneficiar apenas uma minoria e, sim, atingir a população, criando verdadeiros ecossistemas. O objetivo é mudar o processo.

Por meio da Educomunicação é possível promover a educação emancipatória, aquela que prepara o sujeito para pensar, desenvolver sua consciência, seu senso crítico. Não é a emissão que precisa receber todas as atenções, sendo rigidamente vigiada ou mensurada; é a recepção que deve ser trabalhada para que a pessoa aprenda a “ler” de fato a mensagem. É claro que o receptor não é aquele ser passivo, plenamente influenciado pela mídia, mas ainda é preciso romper com a narrativa dominante de uma cidadania associada ao consumo.

Isso pode ser feito, segundo Ismar de Oliveira, “. . . a partir da *prática* e do *interdiscurso da educomunicação* que se apóia na concepção de um novo sujeito, de uma nova espacialidade, de uma nova temporalidade e de uma nova construção do significado e da práxis” A Educomunicação trabalha com temas transversais, valoriza o conhecimento como um todo, e não apenas informações compartimentadas. Nesse processo, as tecnologias têm um papel essencial: elas não são meros instrumentos para melhorar a performance do professor; devem ser usadas para melhorar a performance de todos, sejam professores sejam alunos seja a própria comunidade.

Porém não podem ser vistas apenas como instrumentos; o cenário e o ambiente em que atuam também devem ser considerados, ou seja, a tecnologia deve ser vista como mediação. Ela contribui para a aprendizagem, pois, por meio dela, o indivíduo pode se sentir tocado, envolvido, conectado, como lembra Ismar de Oliveira: “Desta maneira, o ambiente mediado por tecnologias pode ajudar a produzir sentidos, convertendo-se em mediação”

No entanto, é importante ressaltar que a tecnologia apenas contribui para a aprendizagem, mas não é a responsável por esse processo. “É o sentido que provoca a aprendizagem, não a tecnologia, e é por isso que

o campo compete à comunicação ou à educomunicação” .Na escola, a tecnologia e os meios de comunicação podem ser usados para promover a integração do grupo, abolindo a centralização e valorizando a pluralidade. A escola deve ser, como lembra Barbero, um espaço democrático, onde todos podem ter voz: “ . . . lugar de conversación entre generaciones, entre jóvenes que se atrevan a llevar a la escuela sus verdaderas preguntas y maestros que sepan y quieran escuchar , convirtiendo a la escuela en um espacio público de memoria y de invención de futuro”

Mário Kaplún também destaca a necessidade de dar lugar à manifestação pessoal no processo de ensino/aprendizagem, valorizando a individualidade dos educandos: “Em lugar de confiná- los a um mero papel de receptores, é preciso criar condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias, pertinentes ao tema que estão aprendendo”

Essa democratização da escola pode acontecer por meio da Educomunicação, pois a troca é muito intensa: alunos aprendem com professores, professores aprendem com alunos, alunos aprendem com alunos, a comunidade aprende com os alunos, e assim por diante, formando ecossistemas comunicativos. O profissional direcionado a formar esses ecossistemas é o gestor, que deve saber negociar e conhecer os limites, para evitar rejeições, pois a prática educacional deve ser feita dentro dos limites possíveis.

Para o educador Paulo Freire, a comunicação é elemento fundamental pois é ela que transforma seres humanos em Sujeitos. Freire estabelece a relação entre comunicação e educação, na medida em que esta última é vista como um processo daquela, já que é uma construção partilhada do conhecimento mediada por relações dialéticas entre os homens e o mundo.

A Educomunicação, que por sua natureza inter-relacional, “estrutura-se de modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo”, sendo vivenciado pelos seus atores através de áreas concretas de intervenção social, que podem constituírem-se em vertentes”, de acordo com Ismar de Oliveira Soares.(SOARES, 1999, p. 65).

Martín-Barbero (1996) afirma que estamos diante de um ecossistema comunicativo conformado não pelas máquinas ou meios, mas por linguagens, saberes e escritas, pela hegemonia da linguagem audiovisual sobre a tipográfica que desordenam e remodelam as formas de aquisição do saber e do conhecimento.

Quando Educação e Comunicação se cruzam, desta forma, estamos realizando o que propõe a Educomunicação. Isto é, estamos formando os jovens para que usem a comunicação como uma ferramenta poderosa para transformar sonhos em realidade, para que cresçam

altivos, autônomos, com capacidade de transformação, intervindo diretamente na realidade em que vivem.

---

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

FREIRE, P. A importância do ato de ler. Em três artigos que se completam. São Paulo, 19. edição, Cortez Editora: Autores Associados, 1987.

Linhas Orientadoras da Missão Educativa das FMA, 2005 Editrice ELLEDICI – 10096 Leumann (Torino) Tradução: Ir. Joana D`Arc Fontes – Brasil 2006

SOARES, Ismar de Oliveira. “Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”, in Cotato, Brasília, Ano 1, N 1, jan/mar. 1999.

SOARES, Ismar de Oliveira. “Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação”, in Comunicação & Educação, São Paulo, ECA/USP-Editora Segmento, Ano VIII, já/abr. 2002, no. 23, p. 24.

MARTÍN BARBERO, Jesús. “Ensanchando território sem comunicación/educación”, in ALDERRAMA, Carlos, Comunicación & Educación, Bogotá, Universidad Central , 2000, p. 111.

KAPLÚN, Mário. “Processos educativos e canais de comunicação”, in Comunicação e Educação , jan./abr . 1999, p. 73.